



MINISTÉRIO DA SAÚDE
FIOCRUZ
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

ENSP
Escola Nacional de Saúde
Pública Sérgio Arouca

**“A PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL NOS ANOS DE 2003 A 2008
SOBRE SÍNDROME DE BURNOUT E DOCÊNCIA.”**

por

Kátia Waléria Vieira da Cunha

Dissertação apresentada com vistas à obtenção do título de Mestre na área de Saúde Pública.

1.º Orientador: Prof. Dr. Alberto Lopes Najar.

2.º Orientador: Prof. Dr. Antenor Amâncio Filho.

Rio de Janeiro, maio/2009.

KÁTIA WALÉRIA VIEIRA DA CUNHA

“A produção científica no Brasil nos anos de 2003 a 2008 sobre

Síndrome de burnout e docência”

Dissertação apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – Fiocruz, com vistas à obtenção do título de Mestre na área de Saúde Pública – Área de Concentração: Saúde e Sociedade.

1.º ORIENTADOR: Prof. ° Dr. Alberto Lopes Najar.

2.º ORIENTADOR: Prof. ° Dr. Antenor Amâncio Filho.

Rio de Janeiro, maio/2009.

KÁTIA WALÉRIA VIEIRA DA CUNHA

“A produção científica no Brasil nos anos de 2003 a 2008

sobre Síndrome de burnout e docência”

Rio de Janeiro, de de 2009.

Prof. °

“Grandes realizações são possíveis quando se dá atenção aos pequenos começos.”

Lao Izu

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, e sempre, a Deus, por me possibilitar seguir por um caminho que em determinados instantes parecia não ter fim... Mas durante todos os momentos em que precisei de forças para continuar a seguir, Este se fez presente.

À Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, conceituada Instituição de Ensino, por ter me aceito como aluna e acreditado em meu potencial enquanto futura pesquisadora.

Aos meus pais, Walter e Anna, por terem me concebido, e por terem me educado e introjetado em meu ser a vontade de lutar por meus ideais com coragem, dedicação e, acima de tudo, honestidade.

Ao meu professor e orientador, Dr. Alberto Lopes Najjar, pela infinita paciência e por ter trilhado este caminho comigo, ajudando-me a lapidar os pensamentos e a transformá-los em realidade.

Ao meu professor e segundo orientador, Dr. Antenor Amâncio Filho, pelas conversas que tanto esclareceram e ajudaram-me na sistematização deste trabalho.

A minha amiga e irmã do coração Marilice Moreira, pela força nos momentos mais difíceis de minha vida, quando sempre esteve presente com carinho e dedicação.

Aos amigos Andréia F. Maciel e Fernando Peclat, por terem me encorajado, nos momentos de esmorecimento, a continuar a seguir o meu caminho, com fé e resignação.

Ao meu namorado, Alexandre da Silva Bezerra, por me mostrar que a vida é para ser vivida intensamente e que devemos acreditar, acima de tudo, que sonhos são realizáveis, desde que acreditemos em nós mesmos e tenhamos paciência para poder conquistá-los.

À equipe de direção da Escola Municipal Engenheiro Pires do Rio, nas pessoas das senhoras Selma Barboza Faleiro, Aricléia Papeira e Shirley da Silva Neves, diretora, diretora adjunta e coordenadora pedagógica respectivamente, pela compreensão nos momentos de tensão profissional.

A todos que fazem parte das equipes de direção e pedagógicas das Escolas Municipais, Rainha Fabíola, Antônio Bandeira, Jorge Jabour, Engenheiro Pires do Rio e CIEP Marechal Júlio Caetano Horta Barbosa, com os quais tive o prazer de trabalhar ao longo desta trajetória.

A todos os meus alunos, que compartilharam comigo a minha trajetória profissional e também pela inspiração que me proporcionaram na busca pelo meu objeto de

estudo. Sem eles a professora não existiria.

Aos colegas de curso, em especial a Milena Nogueira, Flávia Farias, Ana Paula Magalhães, Ângela Virginia e Alessandra Pinto, pelas conversas descontraídas que me permitiram almejar novos horizontes dentro do quadro complexo que diz respeito à formação do pesquisador.

SUMÁRIO

RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
MATERIAL E MÉTODO.....	14
1. A SÍNDROME DE BURNOUT.....	15
1.1. BREVE HISTÓRICO.....	15
1.2. BURNOUT E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE.....	18
1.3. RELAÇÃO ENTRE BURNOUT E DOCÊNCIA.....	23
2. CARGAS MENTAIS E PROFISSÃO DOCENTE.....	25
2.1. FATORES RELACIONADOS AO SURGIMENTO DA SÍNDROME.....	25
2.2. VIOLÊNCIA ESCOLAR E SÍNDROME DE BURNOUT – O QUE DIZEM OS ESTUDOS	30
3. MAPEANDO OS ESTUDOS SOBRE BURNOUT E DOCÊNCIA	33
3.1. ÁREAS DO CONHECIMENTO E PERIÓDICOS.....	34
3.2. METODOLOGIAS UTILIZADAS NOS ESTUDOS.....	36
3.3. REGIONALIDADE.....	37
3.4. ESCOLAS PÚBLICAS X ESCOLAS PRIVADAS.....	38
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	38
5. CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48
ANEXOS.....	52

RESUMO

Realizou-se uma revisão bibliográfica através de busca nas bases de dados da SciELO e Bireme, onde foram identificados e analisados os estudos que tratavam do tema Síndrome de burnout e docência, para o período compreendido entre os anos de 2003 e 2008.

Foram selecionados os trabalhos que se apresentavam nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola, e que continham em suas palavras-chave ou unitermos, os seguintes resultados: docência, professores, docentes, estresse, educação, escola, violência, burnout, estafa profissional, transtornos emocionais, mentais ou psicológicos/psiquiátricos, despersonalização, trabalho docente, saúde, doença, depressão, magistério, saúde do trabalhador, exaustão emocional, estafa profissional, sofrimento e distúrbios. A pesquisa foi realizada de forma composta, utilizando-se do cruzamento das palavras entre si, e selecionando-se, assim, os estudos que se apresentaram.

Para uma melhor compreensão, foram analisados também estudos que correlacionavam esta síndrome a outras profissões, sendo realizado inicialmente um breve histórico sobre a mesma. Buscou-se apresentar como se dá a organização do trabalho docente e a relação existente entre a docência e o desenvolvimento da Síndrome de burnout.

Os fatores relacionados ao surgimento da síndrome foram apresentados, assim como o que existe de produção científica versando sobre a violência como um possível fator determinante para o desencadeamento do processo de desenvolvimento da síndrome.

Buscou-se ainda mapear os estudos sobre a Síndrome de burnout e docência, identificando as áreas de conhecimento e periódicos que tratam do tema, assim como as metodologias utilizadas e as regiões do Brasil que se apresentaram com maior frequência nos estudos. Outro ponto abordado foi existência de relação entre uma maior incidência do desenvolvimento da síndrome e o fato de se lecionar em escolas da rede privada ou pública.

Concluiu-se que a Síndrome de burnout vem sendo estudada a mais de vinte anos no cenário acadêmico, mas que os estudos que correlacionam esta com o acometimento dos docentes no Brasil ainda se mostram insuficientes, levando-se em consideração o universo de profissionais que atuam nesta área e o número de publicações encontradas.

A organização da rotina do trabalho docente tem influência direta e é um dos fatores predominantes para o desenvolvimento da síndrome por estes profissionais. Existe também a influência das características pessoais, onde a questão da escolha por esta profissão pode estar atrelada à imagem, de quem a faz estaria pautada na vocação para tal.

Vários outros fatores também aparecem relacionados ao desenvolvimento da síndrome pelos docentes, tais como a falta de autonomia em relação a decisões institucionais e até mesmo sobre sua rotina de trabalho, a deterioração do sistema de ensino no Brasil, onde podemos citar a superlotação das salas de aula e a inadequação da estrutura física das escolas ao seu público, as rápidas mudanças ocorridas em sua rotina de trabalho, gerando uma sobrecarga emocional intensa e contribuindo de forma significativa em seu processo evolutivo.

O tema violência, apesar de estar inserido no universo e cotidiano escolar, não foi abordado com relevância, pelos estudos encontrados, como fator predominante no desenvolvimento da síndrome. Contudo temos que deixar registrado que uma compilação de vários estudos, que através da coordenação de Wanderley Codo¹, se transformou no livro *“Educação: carinho e trabalho. Burnout a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*, e nos serviu de suporte, aborda a questão a nível nacional, fornecendo-nos uma visão mais abrangente sobre esta questão.

As áreas de conhecimento que mais publicaram sobre o tema foram Saúde, seguida de Psicologia e Educação, sendo que está última, mostra-se insuficiente em número de publicações, já que se dirige ao público específico abordado nesta pesquisa.

As pesquisas de campo foram as que apresentaram relevância nos estudos encontrados e que tratavam do tema específico desta pesquisa, assim como a predominância de trabalhos realizados com coleta de dados em Instituições de caráter particular.

Observou-se que as regiões Centro-Oeste e Norte não apresentaram estudos para este tema, e as regiões Sudeste e Nordeste não concentraram seus estudos nas capitais, não oferecendo uma análise mais abrangente da problemática em nível de Brasil.

Por ora, acreditamos que seja necessária a realização de novos estudos que analisem mais profundamente a relação entre a Síndrome de burnout e a docência, para que as lacunas que ainda existem sobre esta problemática sejam preenchidas e com isso se possam gerar subsídios para um melhor enfrentamento deste panorama.

¹ CODO, Wanderley. *“Educação: carinho e trabalho. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação”*. 4.ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006.

ABSTRACT

A literature review was performed through a search of the SciELO and Bireme databases, identifying and analyzing studies that dealt with the theme of burnout Syndrome and the teaching profession, covering the years 2003 to 2008.

Studies were selected that were presented in Portuguese, English, and Spanish, and that contained the following results or their linguistic equivalents in their keywords or uniterms: teaching, professors, teachers, faculty, stress, education, school, violence, burnout, professional strain, emotional, mental, or psychological/psychiatric disorders, depersonalization, teaching work, health, disease, depression, professorate, worker's health, emotional exhaustion, distress, and disorders. The research took a compound approach, cross-referencing the words and thereby selecting the respective studies.

To enhance the understanding of the theme, studies were also analyzed that correlated burnout Syndrome to other professions, with a brief historical overview of the theme. The aim was to discuss how teaching work is organized and the relationship between the teaching profession and the development of burnout Syndrome.

Factors related to the syndrome are presented, in addition to the scientific output on violence as a possible determinant in triggering the development of burnout.

The study further seeks to map the studies on burnout syndrome and teaching, identifying the areas of knowledge and periodicals dealing with the theme, as well as the methodologies used and the regions of Brazil reporting the highest incidence in the studies. Another key point was the existence of a relationship between increased incidence of burnout and teaching in public versus private schools.

In conclusion, burnout syndrome has been studied for more than twenty years in the academic setting, but studies that correlate it to teaching in Brazil are still insufficient in number, considering the contingent of professionals working in this area and the number of publications found.

Organization of teaching work and the teaching routine have a direct influence and is one of the predominant factors in the development of burnout by these workers. Personal characteristics also come into play, whereby the choice of teaching as a profession may be linked to the image, that is, the notion that teaching is a matter of personal calling.

Various other factors also appear to be related to the development of burnout by teachers, such as lack of autonomy in relation to institutional decisions or even the work routine, deterioration of the school system in Brazil, including classroom overcrowding and the schools' inadequate physical structure for their target public, and rapid changes in the teaching

routine, generating an intense overload and contributing significantly to the development of the syndrome.

Although the theme of violence touches the school system and the school routine, it was not approached by the studies identified here as a predominant factor in the development of burnout. However, under the coordination of Wanderley Codo¹, an important compilation of various studies became a book, “*Educação: carinho e trabalho. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*” [Education: affection and work. Burnout, the discouraged teacher’s syndrome, a potential cause of educational bankruptcy], which served as backup for the current study by approaching the issue at the Brazilian national level and providing a more comprehensive view of the theme.

The fields of knowledge that have published the most on burnout are Health, Psychology, and Education, in that order, with the latter showing an insufficient number of publications, given that it targets the specific public involved in this research.

Field studies were the most relevant types of studies found and dealt with the specific theme of this research, besides the predominance of studies conducted with data collection in private institutions.

The Central-West and North of Brazil lacked any studies whatsoever on this theme, and the Southeast and Northeast had no such studies in the State capitals, so that a more comprehensive analysis of the problem at the national level was not provided.

Based on these findings, new studies are needed with a more in-depth analysis of the relationship between burnout syndrome and teaching, in order to fill the current gaps and thereby generate support for more adequate approaches to the problem.

1 CODO, Wanderley. “Education: affection and work. Burnout, the discouraged teacher’s syndrome, a potential cause of educational bankruptcy”. 4.^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes / Brasília: National Confederation of the Workers in Education: University of Brasilia, Laboratory of Psychology of the Work, 2006.

INTRODUÇÃO

O adoecimento decorrente da organização da atividade profissional vem sendo caracterizado e estudado como um problema de Saúde Pública em diversas situações por vários autores, dentre os quais destacam-se Gomes & Lacaz (2005).

Estando os docentes incluídos neste universo, busca-se compreender o processo de trabalho dos mesmos, abarcando sua especificidade e, dentro deste quadro, sua organização e as enfermidades que lhe possam estar relacionadas.

Para compreender como se configura a organização do processo de trabalho do docente, devemos contemplar vários aspectos envolvidos, que podem ser considerados desde a estrutura física que compõe a edificação na qual estes profissionais lecionam, até processos de estruturação das aulas propriamente ditas. Esta organização passa por diversas fases, dentre as quais destacamos a de planejamento - por envolver desde esferas superiores, como o Ministério da Educação, as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, e as direções das escolas, - até chegar ao próprio docente.

Dentro desta realidade o docente passa a ter uma autonomia vigiada, e estando subordinado a estas Instituições, em determinados momentos pode ser levado a ter que atender com uma maior ênfase a interesses políticos, ao invés de exercer seu papel de educador, situação esta que gera tensão e desconforto.

O adoecimento psicoemocional destes profissionais e sua relação com fatores de ordem organizacional vêm sendo estudados e cada vez mais explicitados na literatura especializada (Lapo & Bueno, 2002; Carlotto & Palazzo, 2006), estando a Síndrome de burnout² entre eles (Delcor *et al.*, 2004; Carlotto, 2002). Ainda segundo Carlotto & Palazzo (2006), os estudos sobre este fenômeno no Brasil ainda se apresentam de forma incipiente.

Ao longo dos anos, vários tipos de profissionais passam a fazer parte do rol de profissões que são mais propensas a desenvolver a síndrome, como cita Reis *et al.* (2006)

“...O Ministério da Saúde do Brasil (Brasil, 2001) reconhece a “Síndrome de *Burn-out* ou Síndrome do

2 Segundo Carlotto (2002) baseado nos estudos de Iwanicki & Schwab, 1981 e Faber, 1991, a severidade de *burnout* entre os profissionais de ensino já é superior à dos profissionais de saúde, o que coloca o Magistério como uma das profissões de alto risco. Reis et al. Citando Cherniss, 1980 e Taris et al., 2001 “... na literatura internacional, burnout tem sido pesquisado com maior intensidade entre professores do que entre outros grupos ocupacionais, o que parece indicar que o trabalho docente seja aquele que oferece condições mais propícias ao seu desenvolvimento”.

Esgotamento Profissional” como um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho, que afeta principalmente profissionais da área de serviços ou cuidadores, quando em contato direto com os usuários, como os trabalhadores da educação, da saúde, policiais, assistentes sociais, agentes penitenciários, professores, entre outros”.

Trigo, *et al.* (2007), também fazem menção ao reconhecimento da síndrome como doença profissional relacionada aos profissionais da Educação, pela Previdência Social, através da aprovação do Decreto no 3.048, de seis de maio de 1999, em seu Anexo II, apresentando sua classificação no Código Internacional de Doenças sob o número dez – CID-10 – e dentro desta esfera o código Z73.0.

Contudo deve-se ressaltar a existência de certa dificuldade de conceituação da síndrome, sendo um dos motivos às várias nomenclaturas que são utilizadas para as enfermidades de cunho psicológico, denominando-as de estresse, desgaste emocional, esgotamento psicológico, sofrimento emocional e outros. Para Benevides-Pereira (2003) “*seria bastante complexo conseguir expor todos os trabalhos sobre Burnout no Brasil. A própria dificuldade do conceito e das várias expressões utilizadas, além do agravante da extensão territorial, dificultam sobremaneira tal tarefa.*”

Entretanto, além de um grande desafio, trabalhar este tema constituiu-se na possibilidade de se gerar subsídios para desvelar um panorama ainda um tanto obscuro, motivado por inquietações pessoais decorrentes da inserção na atividade docente, na rede municipal de ensino do Município do Rio de Janeiro, no ano de 2003.

Devido à complexidade de fatores envolvidos e também ao permanente diagnóstico impreciso, sua relevância baseou-se justamente no fato de esta síndrome possuir uma difícil caracterização, o que lhe favorece a atribuição de nomenclaturas de outras doenças de cunho psicológico.

Outro fator importante aqui levado em consideração é o fato de esta síndrome ser pouco conhecida pelo universo de professores e pela comunidade em geral, por se tratar de uma síndrome de recente descrição, já que os primeiros estudos datam do final da década de 1970 e início da década seguinte (Moreno-Jimenez, 2002; Carlotto & Câmara, 2004; Reis *et al.*, 2006).

Construir um estudo que pudesse mapear os principais métodos, instrumentos, dificuldades e avanços realizados sobre esta problemática, apresentou-se como a melhor opção

para a compreensão de como ocorre o processo de adoecimento por esta síndrome, seus principais fatores desencadeantes e o que está sendo produzido a respeito pela literatura científica na atualidade.

MATERIAL E MÉTODO

O universo de análise compreendeu estudos produzidos no Brasil sobre a Síndrome de burnout em relação ao acometimento de um público específico, os docentes, buscando resgatar a produção científica disponível nas bases de dados de livre acesso SciELO e Bireme, no período compreendido entre os anos de 2003 a 2008. Optou-se neste caso por buscar os textos publicados nas revistas científicas, além de teses e dissertações que abordassem o tema, por considerar-se que se constituem não somente em importantes produtos de pesquisa no cenário nacional, mas também em fontes privilegiadas de informações validadas.

Foram encontrados inicialmente 32 textos, levando-se em consideração apenas se os mesmos se reportavam à síndrome. Em um segundo momento, foram selecionados apenas 08 estudos, que apresentaram a relação entre docência e a síndrome e o ano de publicação dentro do período estipulado para a pesquisa. Também foram analisados 02 textos do ano de 2002, por apresentarem relevância sobre o assunto e funcionarem como suporte para o embasamento da questão estudada.

Com este intuito procurou-se (1) apontar os fatores estruturantes da organização do trabalho docente, preponderantes ao desenvolvimento da Síndrome de burnout e presentes nos estudos encontrados; (2) identificar os estudos que correlacionam o acometimento dos professores por esta síndrome, com a violência no interior das escolas; (3) verificar a distribuição de estudos em escolas públicas e particulares e também suas localizações, por regiões do Brasil; (4) caracterizar a Síndrome de burnout a partir dos pressupostos encontrados nos estudos publicados; e (5) mapear os estudos de acordo com a metodologia utilizada por estes.

1. A SÍNDROME DE BURNOUT

1.1. Breve histórico

A nomenclatura *burnout* (*burn-out*) – palavra de origem inglesa, que significa “*queimando para fora*” (Santa-Rita, 2002) – passa a figurar no cenário acadêmico no ano de 1974, utilizada pelo então médico psicanalista H. J. Freudenberger para descrever o processo que acometia trabalhadores que tinham contatos excessivos com pessoas em suas profissões e apresentavam sentimentos de fracasso e exaustão e ainda sintomas de fadiga, depressão, irritabilidade, aborrecimento, sobrecarga de trabalho, rigidez e inflexibilidade (Perlman & Hartman, 1982 in Carlotto & Câmara, 2004). Porém, segundo Benevides-Pereira (2003) citando Schaufeli & Ezzmann (1998), o primeiro artigo em que esta nomenclatura aparece data de 1969 e foi escrito por Bradley – *Community-based treatment for young adult offenders. Crime and Delinquency*.

Ainda segundo Carlotto & Câmara (2004), citando Faber (1991), “... *Christina Maslach, Ayala Pines e Cary Cherniss foram os estudiosos que popularizaram o conceito de burnout e o legitimaram como uma importante questão social.*”

Três dimensões conceituais são atualmente utilizadas para avaliar a existência desta síndrome: exaustão emocional, despersonalização e falta de realização profissional, as quais são avaliadas através do instrumento Maslach Burnout Inventory – MBI. Na tabela 1 (ANEXOS), apresentamos o instrumento dividido e ordenado de acordo com as dimensões que as respectivas afirmações a serem respondidas contemplam.

Para a elaboração deste instrumento foi aplicado um inventário que possuía 47 itens, administrado em uma amostra de 605 sujeitos de várias ocupações profissionais, contemplando somente duas das três dimensões atuais – exaustão emocional e despersonalização; não foi especificada a localização da aplicação deste estudo, nem sua correlação com classe social dos sujeitos (Carlotto & Câmara, 2004).

Após análise criteriosa da relevância e consistência dos itens desse primeiro inventário e sua nova aplicação, agora, em uma amostra de 420 sujeitos, realizada por Christina Maslach e Susan Jackson, é elaborado por ambas o instrumento MBI – *Maslach Burnout Inventory* em 1978, contemplando 22 dos 47 itens iniciais, e utilizando uma escala de resposta do tipo *Likert*³ de sete pontos (desde 0 = “nunca” até 6 = “todos os dias”), para avaliar como o

3 Segundo Sadao Omote (S/D), a escala Likert consiste tipicamente de um conjunto de enunciados que expressam alguma afirmação sobre o objeto atitudinal, seguido cada enunciado de alternativas que indicam o grau de concordância ou discordância de cada respondente em relação ao seu conteúdo.

trabalhador “vivencia” seu trabalho (Carlotto & Câmara, 2004; Moreno-Jimenez *et. al.*, 2002).

As questões 1, 2, 3, 6, 8, 13, 14, 16, e 20, em um total de nove itens, correspondem à dimensão “exaustão emocional” e traduzem sentimentos de se estar emocionalmente exausto e esgotado com o trabalho. Escores acima de 27 pontos nesta dimensão demonstram um nível elevado de *burnout*, segundo Cruz (2007).

Para a dimensão “despersonalização”, constituída por 05 itens (5, 10, 11, 15 e 22) que descrevem respostas impessoais, escores com somatório acima de 10 pontos são considerados como níveis altos de *burnout*.

Segundo Codo (2000):

“Despersonalização é uma tentativa de resolver o impasse pela eliminação psicológica de um dos lados. Deixando de considerar os alunos como alunos, o professor não estará em conflito aula por aula, encontrando assim uma maneira de exercitar uma espécie de professor que professa no deserto.”

Já para a dimensão “(falta) realização pessoal”, que é constituída pelos itens 4, 7, 9, 12, 17, 18, 19 e 21, em um total de oito questões que descrevem sentimentos ao nível da capacidade e sucessos alcançados no trabalho com pessoas, escores elevados, acima ou igual a 40 pontos indicam níveis baixos de *burnout*, já que está dimensão funciona de forma inversa às demais. (Ibid., 2007)

Posteriormente este instrumento foi adaptado dando origem ao “*Educators Survey-Es* ou MBI forma ED”⁴ (Moreno-Jimenez *et al.* 2002), sendo elaborado especialmente para a aplicação com professores, em que a palavra “cliente” foi substituída por “aluno”. Apesar desta modificação, a sua estrutura em si não sofreu nenhuma alteração, não contemplando a especificidade do processo de trabalho da profissão de professor. Com o objetivo de suprir esta lacuna surge então o “*Cuestionário de Burnout do Professorado*” – CBP ou Questionário de *Burnout* para Professores e posteriormente o CBP-R(*Revisado*)⁵ que contemplam fatores considerados como antecedentes (desorganização e problemática administrativa) e também os conseqüentes (estresse de papéis e burnout), Moreno, Oliver & Aragoneses (1993) *in* Moreno-

4 O Educators Survey-Es ou MBI forma ED, segundo Moreno-Jimenez *et. al.* (2002), consiste na adaptação do *Maslach Burnout Inventory* para a aplicação em profissionais docentes, mas sem contemplar fatores específicos da profissão de professor.

5 De acordo com Moreno-Jimenez *et. al.* (2002) o CBP e o CBP-R são questionários que foram elaborados contemplando aspectos característicos da organização escolar e das atividades de ensino, inclusive avaliando os elementos antecedentes e conseqüentes da síndrome.

Jimenez *et al.* (2002).

Uma observação importante a ser realizada é em relação à construção dos instrumentos citados até o momento, com base em populações “estrangeiras”, o que poderia representar algum tipo de influência nos resultados obtidos em suas aplicações no Brasil, pois não contemplam especificidades de nossa população.

Segundo Benevides-Pereira (2004), “...*Várias foram as traduções e adaptações do MBI para o Brasil (Benevides-Pereira, 2001; Kurowski, 1999; Lautert, 1995), no entanto, o mesmo não está disponível para comercialização. Segundo a editora que detém os direitos autorais nos Estados Unidos, não há interesse em repassá-los para editoras brasileiras.*”

As três dimensões do *burnout* compõem um conceito multidimensional e sócio-psicológico apresentando situações como a percepção do esgotamento de energia e de recursos emocionais, gerando nos docentes, sentimentos de que não são capazes de gerenciar seu campo afetivo (Exaustão emocional), a “coisificação” dos contatos diários com seu público, desencadeando atitudes e sentimentos negativos, que levam ao tratamento de seus atendidos com ironia ou cinismo (Despersonalização), e ainda, sentimentos de que “aquele trabalho” não lhe é útil, ou para outras pessoas, e também, que lhes são atribuídas tarefas além daquilo que é capaz de realizar ou compatível com seus proventos (Realização profissional, “negativa”).

Em estudo realizado por Codo (2000), citado por Gasparini *et al.* (2005), pode-se realizar a observação da relevância do nível de acometimento da síndrome no corpo docente brasileiro.

“Codo (1999) estudou uma amostra de quase 39 mil trabalhadores em educação em todo o país e identificou que 32% dos indivíduos apresentavam baixo envolvimento emocional com a tarefa, 25% se encontravam com exaustão emocional e 11% com quadro de despersonalização, podendo-se dizer, em termos práticos, que 48% da população estudada apresentava *burnout*.”

Pode-se observar através deste estudo que quase a metade da amostra estudada apresentava a síndrome, representando patamar muito elevado para uma população de profissionais que trabalham atendendo, em sua maioria, crianças e adolescentes, e que estão construindo suas identidades e personalidades. O quadro delineado era de profissionais que se

apresentavam para lecionar sem motivação e embebidos de sentimentos negativos que influenciam diretamente na qualidade da sua rotina diária de trabalho.

Com o foco no cenário aqui descrito, o presente estudo também ressalta a importância dos fatores que podem desencadear a síndrome, conforme será apresentado a seguir.

1.2. BURNOUT E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

A organização do trabalho se constitui segundo Mascarello & Barros de Barros (2007), como “... *uma construção histórica, ou seja, indica a forma como os humanos se organizam para produzir bens materiais, a própria vida, a si mesmos.*” Neste contexto de construção pessoal, enquanto profissionais, os docentes deparam-se com situações cotidianas em suas rotinas de trabalho que podem desencadear sofrimento emocional intenso.

Segundo Gasparini *et al.* (2006) “... *no Brasil, as transformações na organização do trabalho docente como novas exigências e as competências requeridas modificam a atividade de ensinar, e, por não proverem os meios compatíveis, criam uma sobrecarga de trabalho.*” A exigência de um novo perfil profissional que se adapte as rápidas mudanças que ocorrem em curto prazo no mundo do trabalho, exigindo um profissional “flexível e polivalente”, sem lhes fornecer subsídios necessários para esta adaptação, contribui sobremaneira para o agravamento do quadro de tensão e desequilíbrio emocional deste profissionais.

Outro fator gerador de tensão no seio das escolas brasileiras é a constante elevação dos níveis de violência “extra e intramuros” escolares (Gasparini *et al.*, 2006) que, somado às transformações citadas no parágrafo anterior, acabam por desencadear o processo de exaustão emocional dos docentes.

Tamoyo & Tróccoli (2002) relatam que a exaustão emocional é a primeira dimensão presente na síndrome, que tem origem diversa, devendo ser analisada com cuidado, pois pode ser desencadeada por fatores de ordem pessoal, pela própria rotina de trabalho ou ambos em associação. Uma das situações que chama a atenção no universo escolar é a tensão gerada entre a diferença de experiências vividas pelos elementos envolvidos neste cenário - neste caso, professores e alunos - em sala de aula.

Segundo Nacarato *et al. in* (Carlotto & Palazzo, 2006) os alunos

“... trazem para a sala de aula suas vivências e tentam exercer seu direito de livre expressão, não se importando com o conteúdo e a forma de fazê-lo. A falta de limites dos alunos ocasiona situações de falta de respeito aos direitos e diferenças com relação aos outros personagens do ambiente escolar, e o professor é um deles. Parece haver uma inversão completa do poder, em que os alunos passam a controlar as mais diversas situações em sala de aula. Tudo isso sem mecanismos que possam arbitrar, com justiça e imparcialidade, as relações de convívio social, dificultando o trabalho pedagógico do professor”.

Outro fator importante na rotina de trabalho, que nem sempre é trazida à tona nos estudos, é a influência dos níveis de violência urbana no comportamento dos alunos em ambiente escolar. Dentro desta dinâmica temos a questão da Educação, da figura da escola e do docente, aparecendo no imaginário social como elementos capazes de proporcionar, por si só, a transformação da condição social daqueles que conseguem ter acesso a eles (Evangelista & Shiroma, 2007). Dentro deste universo, por diversas ocasiões os professores utilizam-se de linguagens, normas e valores diferentes dos utilizados nas comunidades as quais estão inseridos, o que contribui para situações de conflito acontecerem.

Convivendo com esta dinâmica, e também com a violência que assola a sociedade nos últimos tempos, alunos e professores se vêem envolvidos em um emaranhado de emoções e sentimentos contraditórios, em uma relação constante de afeto e desafeto vivida no interior das salas de aulas e dependências escolares.

Imbuídos destes sentimentos, professores e alunos adotam posturas variadas em cada situação, para se fazerem entender e até mesmo se proteger; posturas estas que podem ser altamente agressivas ou apáticas de ambos os lados, dependendo em que sentimentos se baseiam e como são manipuladas por seus atores. Ainda analisando o distanciamento dos alunos e professores, vem a tona a questão do sentimento de “perda” por parte dos docentes, no momento em que este constata que os discentes, em determinados momentos, acabam abandonando a escola por diversos motivos, entre eles, a necessidade de trabalhar, a insatisfação com os objetivos não alcançados, a mudança de endereço (muitas das vezes por envolvimento com o tráfico de drogas), o envolvimento com o tráfico e drogas, e outros. Esse sentimento de perda, também pode ser observado em outras profissões que trabalham diretamente com o atendimento de pessoas, principalmente os das áreas de cuidados,

ressaltando-se aqui os profissionais da Saúde. Ao “perder” um paciente por morte, por exemplo, o médico ou enfermeiro experimenta sentimentos de que não foi capaz de ser “eficiente” para evitar tal situação, gerando frustração e sobrecarga emocional. Mesmo quadro experimentam os docentes ao detectarem que seus alunos estão se evadindo da escola pelos motivos oferecidos no início deste parágrafo. Todo esse quadro relatado anteriormente parece possuir elementos consistentes para contribuir de forma significativa para o desencadeamento da exaustão emocional.

Quanto à especificidade do processo de trabalho desta categoria profissional, uma das questões que permeia a profissão de professor, ainda na atualidade, é a visão de que aquele que opta por seguir a carreira docente, o faz pela questão “do dom, da vocação”. Esta situação acaba por gerar conflitos, a partir do momento em que o professor deve desempenhar vários papéis, nos quais lhe é exigido que se mostre amigo e companheiro dos alunos e ao mesmo tempo tenha uma postura de julgamento, disciplinante ao extremo; tal ambiguidade proporciona um estresse emocional intenso em ambas as partes.

Para Nacarato, Varani e Carvalho (2000) *op. cit.* Carlotto & Câmara (2004):

“a atividade do professor é muitas das vezes entendida/vivenciada como vocação missionária, negando-se à sua ação uma dimensão crítica da ética e das políticas educacionais.” (p. 77)

Talvez este paradigma de que a profissão de professor seja pautada na vocação advenha do próprio significado da palavra professor, que segundo Krentz (1986) *in* Carlotto (2002) quer dizer “pessoa que professa a fé e fidelidade dos princípios da instituição e se doa sacerdotalmente aos seus alunos”.

Woods (1999) *in* Carlotto & Palazzo (2006),

“... alerta que professores com fortes sentimentos vocacionais são mais vulneráveis ao burnout, pois, ao não verem sua atividade como um trabalho, mas sim como uma vocação, tendem a envolver-se de forma

excessiva com o mesmo, tendo como resultado a sobrecarga laboral”.

A partir desse primeiro delineamento coloca-se uma questão: considerar a docência sob o prisma da vocação pode esclarecer o desenvolvimento da dimensão de “exaustão emocional” que compõe a tríade para o desenvolvimento da Síndrome de burnout? E também: ao dedicar-se à profissão e não conseguir resolver os problemas de seus alunos, nem alcançar os objetivos propostos em seus planejamentos, o professor passa a desenvolver sentimentos de frustração e inutilidade, desembocando no afloramento da despersonalização?

Perrenoud (1993) coloca que “... a profissão docente é uma ‘profissão impossível’, na medida em que está sempre entre aquelas que trabalham com pessoas”. Mais que trabalhar com pessoas, a cobrança destas para com os professores tem aumentado nos últimos anos com as transformações pelas quais a sociedade vem passando, o que altera drasticamente a organização do trabalho docente ao mesmo tempo em que exige mais tarefas do que no passado recente. Tais transformações vão desde a redução dos níveis de emprego formal dos pais, até o papel que o professor deve representar na escola atual. Segundo o artigo 13 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional⁶ de 20 de dezembro de 1996, os docentes incumbir-se-ão de:

- I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III - zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Mais que transmitir conhecimentos e informações, o professor deve, como cita o

⁶ Fonte: D.O. DE 23/12/1996, P. 27833. Lei 9.394/1996 (Lei Ordinária) Sancionada pelo presidente da república Fernando Henrique Cardoso em 20/12/96.

terceiro item do artigo, “*zelar pela aprendizagem dos alunos*” e o sexto, “*colaborar com atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade*”. Este aparato demanda um envolvimento emocional dos envolvidos, já que os verbos “zelar” e “colaborar”, estão ligados ao domínio emocional das pessoas.

Com o incremento do trabalho informal na economia nacional, a família tradicional acaba por sofrer uma “desestruturação”, em que os pais passam menos tempo com os filhos, despendendo menor atenção e também um menor contato com a escola. A articulação com as famílias, então, como dita o texto da Lei, torna-se deficitária e em alguns casos inexistente, o que propicia aos professores experimentarem a sensação de estarem sozinhos na tarefa de educar seus alunos; a sensação descrita, por sua vez, promove uma sobrecarga emocional.

Como assinala DaMatta (1984), certos valores devem (ou deveriam) ser apreendidos no seio da família, ou em “casa”, lugar onde as pessoas deixam a condição de anônimos e passam a ter uma identidade reconhecida por todos os que com elas partilham daquele espaço; enquanto na rua constituem-se em anônimos, configurando o lugar da impessoalidade. Com a desestruturação da família, o espaço onde essas pessoas se reconhecem e são reconhecidas passa a ser a escola; e é na figura do professor que buscam adquirir subsídios para a construção de suas identidades.

Um dos fatores de estresse que contribuem para este quadro é a expectativa que as famílias depositam sobre o trabalho docente; o procedimento denota um não envolvimento com o processo educacional de seus filhos o que, por sua vez, leva tais famílias a delegar a responsabilidade da educação à escola e aos professores (Lapo & Bueno, 2003).

Corroborando com o pensamento sobre as expectativas, Lüdke & Boing (2004) apoiados nos estudos de Nóvoa (1995), relatam que “(...) *Os discursos e as expectativas recaem sobre o professor como se este fosse o salvador da pátria, mas, na prática, não são dadas a esse “profissional” as condições necessárias de responder adequadamente ao que se espera dele(...)*”

Com isso o que passa a ser observado e enfatizado pelas famílias são os objetivos e expectativas não alcançados; este foco de interesse desvaloriza as conquistas e os progressos obtidos, ao que se constrói uma relação de descrédito para com os professores, reforçando uma das dimensões da Síndrome: a diminuição da realização pessoal no trabalho.

Ao fazer o levantamento inicial da literatura sobre esta problemática, observa-se que a síndrome por ser desenvolvida à longo prazo e de forma multicausal, se torna de difícil diagnóstico e exige uma análise mais aprofundada da questão.

1.3. RELAÇÃO ENTRE BURNOUT E DOCÊNCIA

Para compreender o desenvolvimento da Síndrome de Burnout pelos docentes, precisamos entender primeiro como se dá a relação saúde-doença destes profissionais, e a correlação existente entre essas duas esferas.

Reis *et al.* (2006) citando Araújo *et al.* (2003a), ressaltam que “(...)No Brasil há relativa escassez de estudos sobre a saúde do professor em comparação com trabalhadores de outras profissões”. E para Delcor *et al.* (2004) “(...) no Brasil, a literatura científica sobre as condições de trabalho e saúde dos professores é ainda restrita”.

Essa escassez de estudos sobre a saúde do professor demonstra como o campo ainda se encontra fértil para exploração e apresenta muitas questões a serem desveladas. Espera-se que o presente trabalho possa contribuir de alguma forma para tema tão premente.

Segundo Mascarello & Barros de Barros (2007), o processo de saúde-doença dos professores apresenta relação direta com o quadro de precarização e deterioração das escolas, principalmente aquelas que compõem o sistema público de ensino.

Essa deterioração deve ser aqui compreendida através de uma dimensão global, incorporando não só a questão da estrutura física das escolas, da falta de equipamentos e condições de ensino (como salas de aula superlotadas, mal iluminadas e com pouca ventilação, etc.), mas também a defasagem de conteúdos e a forma como está estruturada a política educacional no Brasil.

Carlotto (2002), citando Maslach e Jackson (1984a) diz que as autoras “(...) afirmam que a educação pode ser associada ao burnout, devido ao alto nível de expectativa destes profissionais, o qual não pode ser totalmente preenchido”.

A expectativa destes profissionais versa em torno de aspectos não somente educacionais e pedagógicos, mas acaba se baseando também no envolvimento destes com seus alunos e, algumas vezes, com as famílias, apesar do distanciamento destas em muitos momentos, em relação à solução de problemas que estes apresentam em outras áreas, principalmente na social e psicoemocional, o que gera um nível de sobrecarga emocional intenso.

Pôde-se observar nos estudos selecionados que a profissão docente é permeada por uma gama de fatores que acarretam sobrecarga emocional, e que “...ensinar é uma atividade em geral altamente estressante, com repercussões evidentes na saúde física, mental e no desempenho profissional dos professores (Reis *et al.*, 2006)”.

No estudo de Moreno-Jimenez (2002), podemos observar alguns componentes existentes na relação entre burnout e o professorado, como se cita abaixo:

“Os estudos com professores (Maslach & Jackson, 1981/1986) têm demonstrado que a pontuação média em cada uma das três escalas é mais alta que as obtidas em outras profissões, como trabalhadores sociais, enfermeiras, policiais etc.”

E ainda:

“... os docentes formam uma categoria especialmente exposta aos riscos psicossociais. Estes defrontam-se com desencadeantes de estresse próprios da organização acadêmica e escolar e com situações nas quais se desequilibram as expectativas individuais do profissional e a realidade do trabalho diário.”

Avaliando os estudos encontrados, pode-se observar que os autores ressaltam que um dos fatores de relação entre burnout e os docentes é a estrutura de organização do trabalho nas escolas. Outro fator importante de se observar é que esta relação se baseia também no grau de expectativas criadas pelos profissionais do ensino em relação ao seu cotidiano profissional; tal relação, portanto, envolve situações tanto pedagógicas, quanto aquelas de cunho social e psicológico.

A este respeito Lapo & Bueno (2002) são esclarecedores ao afirmar que

“O professor está na base desse sistema e deve, por isto, responder às expectativas dos coordenadores, diretores, supervisores, além de outros superiores. Precisa, também, responder às expectativas dos alunos e dos pais desses alunos. Entretanto, essas expectativas nem sempre são coerentes e passíveis de conciliação. O professor consegue realizar ou chegar a

um equilíbrio entre essas expectativas? Como assumir posturas diferentes, condizentes com a realidade e com as suas próprias expectativas, num sistema regulamentado e dirigido?”

Assim observa-se que as frustrações, decepções e o sentimento de impotência desenvolvidos pelos docentes em sua trajetória profissional devido às condições de trabalho oferecidas aos mesmos em seu cotidiano, acabam por se configurar em elementos importantes no processo de desenvolvimento da síndrome por este grupo de profissionais.

2. CARGAS MENTAIS E PROFISSÃO DOCENTE

2.1. FATORES RELACIONADOS AO SURGIMENTO DA SÍNDROME

A Síndrome de burnout, como exposto anteriormente, tem seu processo de desenvolvimento de forma lenta e apresenta-se sobre um prisma multifatorial, o que a torna de difícil diagnóstico e com alta probabilidade de ser confundida com outros processos de desequilíbrio emocional e psicológico.

Neste sentido Carlotto (2002) aponta que “(...) *suas causas são uma combinação de fatores individuais, organizacionais e sociais, sendo que esta interação produziria uma percepção de baixa valorização profissional, tendo como resultado o **burnout**.*”

Segundo Trigo *et al.* (2007), com base nos dados da World Health Organization (1998), “... *para a enumeração dos fatores de risco para o desenvolvimento do burnout, são levadas em consideração quatro dimensões: a organização, o indivíduo, o trabalho e a sociedade.*”

Na concepção destes autores a organização leva em conta fatores como: burocracia (excesso de normas), a falta de autonomia (impossibilidade de tomar decisões sem ter de consultar ou obter autorização de outrem), normas institucionais rígidas, mudanças organizacionais frequentes (alterações de regras e normas), falta de confiança, respeito e consideração entre os membros de uma equipe, comunicação ineficiente, impossibilidade de

ascender na carreira e melhorar sua remuneração, ausência de reconhecimento em seu trabalho, dentre outras; o ambiente físico e seus riscos, incluindo calor, frio e ruídos excessivos ou iluminação insuficiente, pouca higiene, alto risco tóxico e até de vida, e ainda outros fatores como o acúmulo de tarefas por um mesmo indivíduo e convívio com colegas afetados pela síndrome.

Para a questão do indivíduo, ainda os mesmos autores relatam que características individuais podem estar associadas a maiores ou menores níveis de burnout e citam, para os maiores graus de desenvolvimento da síndrome, os seguintes fatores individuais: padrão de personalidade (indivíduos competitivos, esforçados, impacientes, com excessiva necessidade de controle das situações, dificuldade em tolerar frustração), lócus de controle externo, super envolvimento, indivíduos pessimistas, indivíduos perfeccionistas, indivíduos com grande expectativa e idealismo em relação à profissão, indivíduos controladores, indivíduos passivos, gênero (as mulheres apresentam maior pontuação em exaustão emocional; e os homens, em despersonalização), nível educacional (nível mais elevado) e estado civil (maior risco em solteiros, viúvos ou divorciados).

Ainda citam: sobrecarga de trabalho, baixo nível de controle das atividades ou acontecimentos, baixa participação nas decisões sobre mudanças organizacionais, expectativas profissionais, sentimentos de injustiça e de iniquidade nas relações laborais, trabalho por turnos ou noturno, precário suporte organizacional e relacionamento conflituoso entre colegas, tipo de ocupação (é maior em relação aos cuidadores em geral), conflitos de papel e ambiguidade de papel; e para a sociedade, a falta de suportes social e familiar, a manutenção do prestígio social em oposição à baixa salarial que envolve determinada profissão e valores e normas culturais.

No contexto do cotidiano escolar e sua organização, existem vários estressores que se configuram através da sobrecarga de trabalho que os docentes estão sendo submetidos devido à utilização de parâmetros de produtividade e eficiência empresarial, regidos pelas leis de mercado (Carlotto & Palazzo, 2006).

Carlotto (2002) citando Enguita (1989, p.125) coloca que “... *no contexto da carreira obsessiva e do domínio geral do discurso da eficiência, as escolas, através de mais ilustres reformadores inspirados no mundo da empresa, importaram seus princípios e normas de organização de forma extremada em ocasiões delirantes, mas sempre com notáveis conseqüência para a vida nas salas de aula.*”

Assim sendo, fatores estressores, estão presentes na rotina escolar através de uma gama de funções que o professor deve desempenhar, além de seu interesse ou carga horária, e que também não condizem com seu aporte salarial. Delcor et. al (2004) em estudo realizado em

Vitória da Conquista apontam que “... *Os baixos salários dos professores estudados podem ser um forte fator na crise de identidade e na insatisfação da categoria, podendo afetar a saúde mental destes trabalhadores.*” Citam como estressores, que o professor

“Além das classes, deve fazer trabalhos administrativos, planejar, reciclar-se, investigar, orientar alunos e atender aos pais. Também deve organizar atividades extra-escolares, participar de reuniões de coordenação, seminários, conselhos de classe, efetuar processos de recuperação, preenchimento de relatórios periódicos e individuais e, muitas vezes, cuidar do patrimônio material, recreios e locais de refeições (Carlotto & Palazzo, 2006).”

Ainda ressaltam que, além dos fatores citados, os docentes são excluídos de repensar a escola, de participar de decisões institucionais, transformando-se em “meros executores de propostas e idéias elaboradas por outros.” Este tipo de situação influencia os docentes na adoção de uma postura individualista, fazendo que se sintam sozinhos e sobrecarregados na tarefa de ensinar.

No texto de Moreno-Jimenez *et al.* (2002), encontramos a classificação de “fatores antecedentes”, como sendo aqueles oriundos do próprio contexto ocupacional e da organização escolar. Dentre estes se destacam:

“... a relação com os alunos e seu baixo nível de motivação, ou tipo de jornada de trabalho, (...) a sobrecarga de trabalho, referente não só ao número de horas de dedicação, como também a outros elementos, como a proporção aluno/professor, o sistema de horários, o nível de envolvimento com os alunos e a falta de pessoal, (...); o conflito e a ambiguidade de papéis, assim como a inadequação entre formação e desenvolvimento profissional (...); o clima organizacional e a coordenação com as demandas da

administração, da supervisão e da estrutura organizacional do local de trabalho (...).”

Podemos observar mais uma vez que a organização do trabalho docente é um fator fundamental para o desenvolvimento da Síndrome de burnout. Lapo & Bueno (2002) salientam que a forma como se organiza o trabalho docente pode ser um fator de desencadeamento de sofrimento emocional. Dentro da organização, estão abarcados os conteúdos pedagógicos, conteúdos estes propostos através das políticas educacionais Federais, Estaduais ou Municipais que, por se encontrarem defasados ou inadequados em relação a situações de tempo e espaço, geram um baixo nível de motivação dos alunos, configurando um fator antecedente.

A defasagem de conteúdos pode estar, também, relacionada à postura que os docentes tendem a adotar frente às mudanças efetuadas nos programas curriculares, dado relatado por Carlotto (2002) da seguinte forma:

“Não se trata somente da necessidade de atualização contínua, mas sim da renúncia a conteúdos e a um saber que vinha sendo de seu domínio durante anos. Os professores devem incorporar conteúdos que nem sequer eram mencionados quando começaram a exercer esta profissão. O professor que resiste a estas mudanças, que ainda pretende manter o papel de modelo social, o de transmissor exclusivo de conhecimento e o de hierarquia possuidora de poder, tem maiores possibilidades de ser questionado e de desenvolver sentimentos de mal-estar.”

Portanto não somente as políticas educacionais contribuem para a defasagem dos conteúdos e a desmotivação dos alunos, mas também a postura adotada pelos docentes em relação às mudanças ocorridas no plano educacional. Ora, sabe-se que toda situação de mudança gera um quadro de tensão emocional e psicológica, por se estar saindo de uma posição confortável, à qual o indivíduo já se encontra familiarizado, para o novo, o desconhecido.

Com base no pensamento de Esteves (1999) sobre as consequências das mudanças na vida das pessoas, Carlotto (2002)

“... adverte sobre as desastrosas tensões e desorientações provocadas nos indivíduos quando estes se vêem obrigados a uma mudança excessiva em um período de tempo demasiadamente curto. Para o autor, o professor está sendo tirado de um meio cultural conhecido, em que se desenvolveu até então sua existência, e está sendo colocado em um meio completamente distinto do seu, sem esperança de voltar à antiga paisagem social de que se lembra.”

Lapo & Bueno (2002) também fazem referência e reforçam o panorama exposto por Carlotto sobre a questão das transformações na sociedade e as consequências para o trabalho docente.

Esse “salto” para o novo, o desconhecido e a possibilidade de se ter que aceitar as mudanças em curtos espaços de tempo gera um gasto energético mental mais elevado, devido à adaptação que estes profissionais têm que fazer diante de situações que antes estavam sobre seu controle e agora se apresentam como desafios, um intenso quadro de tensão psicoemocional.

Além das mudanças e adaptações pedagógicas realizadas no cotidiano escolar periodicamente, tem-se ainda que considerar as mudanças comportamentais de alunos e professores em sala de aula, que também sofrem a influência de valores e atitudes praticados nas comunidades e localidades em que as escolas estão inseridas.

Uma questão latente que assola a sociedade moderna, conforme aqui mencionado em diversos momentos, é a influência da violência nas posturas e comportamentos adotados pelos cidadãos, que buscam alternativas como formas de defesa e proteção contra tal ameaça. Caldeira (2003) aborda a questão e diz que as pessoas estão se fazendo reféns em suas próprias residências, quando se cercam de grades, seguranças e evitam locais públicos para realizar seus momentos de lazer. Preferem residir em condomínios fechados, frequentar shoppings e locais altamente vigiados e acabam não desfrutando de locais menos controlados e abertos, como parques e passeios públicos.

A violência também se encontra presente nas escolas, seja no comportamento agressivo de alunos ou professores, sejam nos confrontos que ocorrem em algumas comunidades nas quais as escolas se encontram inseridas.

A partir deste ponto analisar-se-á, com base nos estudos encontrados, a importância da violência no interior das escolas como um dos fatores de desenvolvimento da Síndrome de Burnout pelos docentes.

2.2. VIOLÊNCIA ESCOLAR E SÍNDROME DE BURNOUT – O QUE DIZEM OS ESTUDOS

A violência, na sociedade atual, ocupa um papel de destaque no imaginário social, sendo um fator relevante de estresse, não podendo assim deixar de ser abordada como um possível fator contribuinte para o desencadeamento da síndrome. Constantemente, figura como tema principal no noticiário, seja televisionado, falado ou escrito, o que promove e estimula atmosfera de medo no inconsciente coletivo.

Ao se abordar este tema será levada em consideração não somente a violência física ao patrimônio da escola e a pessoa do professor ou equipes pedagógicas, mas também a verbal e a psicológica, sendo esta última a que mais nos chama a atenção no seio do cotidiano escolar.

Conforme citado na Introdução do presente trabalho, dentro do universo de estudos encontrados não foram identificados trabalhos que avaliassem ou fizessem associação ou menção direta entre níveis de violência e o desenvolvimento e desencadeamento da síndrome. As leituras dos especialistas apresentam focos não necessariamente convergentes a respeito.

Para Gasparini et. al (2006), existe a associação da violência no seio da escola e o desenvolvimento de transtornos mentais, “... *O relato de violência nas escolas foi muito freqüente entre os professores estudados. Todas as formas de agressões praticadas por alunos, pais de alunos, funcionários ou colegas de trabalho, ou pessoas externas à escola, foram fortemente associadas aos transtornos mentais.*”

Neste estudo, porém, os autores citam vários tipos de transtornos mentais, dentre eles a Síndrome de burnout, mas sem correlacionar diretamente o seu desencadeamento com qualquer forma de violência praticada na comunidade escolar ou externamente a ela.

Pode-se observar, também, a citação por outros autores da expressão “mau comportamento dos alunos”, como relatam Carlotto e Palazzo (2006)

“Perceber o mau comportamento dos alunos e a falta de participação nas decisões institucionais como fatores de estresse, também, apresentou relação com despersonalização (...) O mau comportamento dificulta a tarefa docente, na medida em que os professores não conseguem responder positivamente aos objetivos de seu trabalho, que são o de transmitir saberes, atitudes, valores e cultura. A falta de reciprocidade na relação com alunos tem sido apontada como um importante elemento, pois a relação profissional-cliente é a variável que mais se associa ao *burnout*.”

Neste estudo as autoras fazem menção à violência psicológica como um fator de elevação da carga de morbidade em trabalhadores, citando os professores dentro deste universo. O citado trabalho, entretanto, não demonstra claramente se o mau comportamento dos alunos engloba situações de violência em qualquer esfera ou nível, ficando assim uma lacuna a ser preenchida com novos estudos.

Outros trabalhos como os de Lapo & Bueno (2003 e 2002) retratam a violência sob o prisma de um comportamento defensivo de professores que adotam posturas agressivas como forma de se libertarem do mal-estar que os acomete em relação ao seu cotidiano profissional.

Mascarello & Barros (2007), em estudo sobre a relação saúde/trabalho numa escola pública de Vitória-ES, sinalizam a questão da violência na escola, mas também não fazem correlação com a síndrome “... recentemente, os temas abordados apontaram roubos e depredações, assassinato de estudantes e porteiros, drogas, agressões diversas contra o conjunto de trabalhadores da educação e a falta de segurança de forma geral.”

O livro de coordenação de Codo (2006) que nos serviu de suporte, aborda a questão da violência em dois capítulos distintos, retratando o panorama nacional em relação a este tema e desmistificando o quadro retratado pela mídia.

Em um primeiro momento mapeia a situação da violência nas escolas brasileiras

em relação aos tipos de ocorrência e as respectivas incidências. A seguir demonstra que a mídia favorece a construção do imaginário social, levando a sociedade a formar uma visão deturpada da realidade da rotina diária escolar. Mostra também que o vandalismo e o roubo são os delitos com maior incidência no seio das escolas brasileiras, seguidos de agressões entre os alunos e por último a agressão aos professores. Afirma que o ato violento, seja ele interno ou externo ao ambiente escolar, interfere de forma vital na organização do trabalho, e conclui que este fato tem primordial importância no desenvolvimento do burnout, pois a organização do trabalho docente configura-se como um dos fatores de risco ao desenvolvimento desta síndrome.

Sobre esta situação cita que

“Objetivamente, a incorporação da violência implica em mais trabalho, tanto no sentido de que outras coisas deverão ser feitas para o enfrentamento do ato de violência propriamente dito, quanto no sentido que obriga o professor a reorganizar o seu programa, o seu planejamento, para conseguir cumprir suas metas apesar das interrupções provocadas pelas agressões que a escola sofreu.”

E completa:

“... Do ponto de vista de cada educador a violência será mais um aspecto que configura sua realidade de trabalho, tornando-a mais difícil ainda. O resultado é a desorganização do cotidiano, que por sua vez incide no aumento de *burnout*.”

Esta pesquisa demonstra, ainda, que a imagem passada pela mídia, sobre a realidade das escolas brasileiras é bem diferente da real situação sobre a questão. Essa imagem de que a violência se apresenta com uma expressividade mais elevada que a realidade encontrada no seio das escolas, acaba por fomentar a consciência coletiva da sociedade sobre tal panorama.

Um dos tabus que esta pesquisa põe abaixo é justamente a questão dos tipos de violência praticadas nas escolas e contra as escolas, demonstrando que a agressão a professores está classificada em última instância na magnitude de frequência deste universo. Outra

consideração importante se faz em relação à localização da violência a professores por regiões, demonstrando que Estados como Tocantins (26, 7%) e Mato Grosso (33,6%) apresentam índices de agressões a professores muito mais elevados do que São Paulo (16,1%) e Rio de Janeiro (1,2%), estes últimos figurando na mídia como Estados com níveis extremos de violência.

O que não fica claro neste estudo é se somente as agressões físicas são consideradas, ou outros tipos como agressões verbais e psicológicas – ameaças, por exemplo – entram na listagem. Faz, porém, uma constatação bastante interessante no que diz respeito à relação da dimensão da síndrome e os tipos de violência pesquisados

“Nossa pesquisa mostrou que os tipos de violência como as agressões a professores, entre alunos e episódios de roubo e vandalismo estão correlacionados de forma positiva com o *burnout* nos professores. Cada um dos fatores que compõe o *burnout* se correlacionam positivamente com um tipo específico de violência que atinge de forma diferenciada o local de trabalho. Assim, o vandalismo se correlaciona positivamente com o sentimento de exaustão emocional dos professores; as agressões aos professores têm correlação positiva com problemas de despersonalização e, finalmente, as agressões entre alunos têm correlação positiva com o baixo envolvimento emocional dos professores no trabalho.” (Codo, 2006)

Como nenhum dos estudos encontrados nas bases de dados pesquisadas fazia menção direta ao tema violência relacionada ao desenvolvimento da síndrome em docentes, e como somente no livro que serviu de suporte para o presente trabalho foi encontrada alguma associação entre tais tópicos, acredita-se haver necessidade de futuros estudos que possam propiciar dados operacionais concretos para uma melhor análise do tema. No momento, o quadro ainda permanece obscuro, impreciso.

3. MAPEANDO OS ESTUDOS SOBRE BURNOUT E DOCÊNCIA

3.1. ÁREAS DO CONHECIMENTO E PERIÓDICOS

Com a dificuldade de diagnóstico da Síndrome de burnout, várias áreas do conhecimento acabam envolvidas no contexto de caracterização da mesma. Como relatado anteriormente, esta síndrome acomete indivíduos que apresentam contato excessivo com outras pessoas em suas profissões, geralmente de caráter assistencial.

Das áreas que mais aparecem citadas nos estudos, destacamos as das áreas da Saúde (médicos e enfermeiros) e da Educação (professores), sendo estes últimos foco direto desta pesquisa.

Os estudos encontrados apresentaram-se nas mais diversas áreas, sendo selecionados, num primeiro momento, 32 que se reportavam à Síndrome de burnout dentro do período estipulado para a pesquisa; nesta dimensão surgiram 08 estudos que correlacionavam a síndrome diretamente à docência, envolvendo as seguintes áreas do conhecimento:

- Psicologia (01 estudo);
- Educação (02 estudo);
- Saúde (03 estudos);
- Psiquiatria (01 estudo).
- Neurociências (01 estudo).

Ainda foram utilizados alguns estudos que não se encontravam especificamente dentro do período estipulado para a pesquisa, porém que apresentavam relevância em termos de suporte para um melhor conhecimento da problemática estudada. Destacamos dois na área de Psicologia, que tratavam do tema em questão e datam do ano de 2002, e livro organizado por Codo (2006).

Um fator relevante a ser observado é que, apesar do tema escolhido estar inserido, também, na área da Educação, apenas dois estudos estavam concentrados em periódicos específicos sobre esta área, sendo as áreas da Saúde e Psicologia as que apresentaram um maior índice de publicações sobre o tema, esta última se levados em consideração os estudos de suporte.

No universo de periódicos estudados, incluindo os artigos do ano de 2002, as revistas *Cadernos de Saúde Pública*, *Psicologia em Estudo*, *Educação e Sociedade*, *Educação e Pesquisa*, *Revista de Psiquiatria Clínica* e *Arquivo de Neuro-Psiquiatria* foram os periódicos que concentraram os estudos encontrados, apresentando-se nesta ordem de relevância devido à quantidade de trabalhos publicados.

Os estudos encontrados aparecem discriminados por periódicos na tabela 2 (ANEXO), em que também são apresentadas as áreas de concentração e ano de publicação. Os trabalhos selecionados demonstram que, apesar de esta síndrome ser um dos principais acometimentos da população de professores, surpreendentemente não existem muitas publicações no Brasil relacionadas ao tema, em periódicos que concentram estudos relacionados à área educacional, assim como em outros campos científicos.

Vários motivos podem estar contribuindo para este quadro: a falta de dados disponível para análise desta problemática, devido a sua difícil caracterização e distinção de outras doenças de cunho psicológico; a própria desinformação dos peritos que avaliam os profissionais da educação e lhes concedem as licenças; a subnotificação de dados, devido ao sentimento que os professores podem estar desenvolvendo em relação a serem considerados doentes e assim não procurarem ajuda, não sendo estes dados contabilizados; a falta de interesse dos governos em diagnosticar a síndrome através de seus peritos, pois assim teriam que conceder licenças de maior duração para o tratamento, significando um déficit ainda maior de pessoal na área da educação e conseqüentemente prejuízos, dentre outros problemas.

Sendo assim, uma maior divulgação de informação entre os profissionais da educação sobre a Síndrome de burnout pode contribuir para a estimulação de uma maior produção de trabalhos sobre o tema, pois muitos dos profissionais desta área não sabem da existência deste fenômeno. Ainda em relação ao desconhecimento da síndrome, podemos citar que, devido a este panorama, muitos docentes não buscam seus direitos em relação a tratamentos, pois acabam por se culpabilizar pelo seu mau rendimento profissional sem se darem conta de que estão, na realidade, acometidos de um fenômeno psicológico de grandes proporções e que traz conseqüências desastrosas tanto para a sua vida profissional quanto à pessoal.

Corroborando com este pensamento citamos o estudo de Benevides-Pereira (2004):

“(...) Entre nós, comumente justifica-se o não enquadre dos transtornos apresentados como relativos

à síndrome de burnout devido à dificuldade em estabelecer o nexos causal e, desta forma o trabalhador deixa de se beneficiar dos direitos mencionados(...)”.

E ainda,

“(…) Há que se avaliar que, pelo desconhecimento até mesmo de profissionais da saúde, as pessoas que estão sofrendo as consequências da síndrome geralmente sentem-se incompreendidos e até mesmo culpados, fracassados(...)”

A publicação, de novos estudos em periódicos voltados para a área educacional poderá contribuir para a elevação dos níveis de conhecimento sobre a síndrome entre os docentes e, também, para instrumentalizá-los na busca por tratamentos e por seus direitos.

3.2. METODOLOGIAS UTILIZADAS NOS ESTUDOS

Para a avaliação das metodologias utilizadas, foram levados em consideração se os estudos se basearam em pesquisa de campo ou base de dados bibliográficos. Foram analisados somente aqueles que se referiam diretamente à problemática estudada, não sendo considerados os que serviram de suporte para a elaboração desta pesquisa.

Observou-se que a maioria dos trabalhos estudados utilizou pesquisa de campo, totalizando 06 estudos dos 08 encontrados (Carlotto & Câmara, 2004; Carlotto & Pallazo, 2006; Delcor *et al.*, 2004; Inocente, 2005; Reis *et al.*, 2006 e Gasparini, *et al.*, 2006); que apenas 01 estudo empregou somente pesquisa em base de dados e que o último combinou pesquisa em base de dados e pesquisa documental, como demonstra a tabela 03 (ANEXO).

Apesar de a maioria dos estudos estar baseada em pesquisa de campo, não se pode afirmar que os mesmos apresentam uma visão ampla da situação em termos de Brasil, devido ao fato de estarem concentrados em algumas regiões e não contemplando o país em sua

totalidade.

3.3. REGIONALIDADE

Dentre os textos selecionados para a pesquisa, não haviam estudos que relacionassem burnout à docência nas regiões Centro-Oeste e Norte, sejam de cunho bibliográfico ou de pesquisa de campo. O estudo selecionado que utilizava como metodologia uma revisão bibliográfica não se relacionava a nenhuma região específica do Brasil. Foram utilizados, também, 02 trabalhos realizados na região Sul, 02 na região Nordeste, e 03 na região Sudeste, conforme gráfico 1 (ANEXO).

As pesquisas realizadas na região Sul, concentraram-se em Porto Alegre - RS, enquanto as da região Nordeste em Vitória da Conquista - BA; já a região Sudeste apresentou 02 estudos realizados em Belo Horizonte - MG, e 01 no Vale do Paraíba - SP.

Gasparini *et al.* (2005 e 2006), citam o estudo realizado por Codo (2000), que deu origem ao livro “*Educação, carinho e trabalho - Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*”, em que foram compilados dados de todo o Brasil, envolvendo quase 40 mil docentes de todo o país. Porém os objetivos das pesquisas de Gasparini *et al.* não pretendiam apresentar um panorama no contexto brasileiro em relação ao tema estudado.

Os estudos que se concentraram no Sudeste e Nordeste não foram realizados nas grandes capitais destas regiões e não contemplaram os grandes centros urbanos do país. Estes, por sua vez, são apresentados nas mídias como os grandes concentradores de violência no Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo (capital), ou Salvador e Recife, por exemplo. No livro de Codo (2006) pode-se observar a desmistificação da relação dos níveis desta variável no interior das escolas com a visão sobre esta nos grandes centros urbanos e capitais, o que ainda causa certa ressalva sobre a influência dos níveis desta variável no desenvolvimento da Síndrome de burnout pelos docentes.

Outras considerações também devem ser contempladas em relação à não realização das pesquisas em grandes centros urbanos, tais como a poluição (do ar, sonora, visual etc.), o ritmo de vida mais acelerado, a falta de espaços públicos seguros e organizados para o lazer, entre outros fatores, que contribuem para níveis de estresse mais elevados.

Desta forma pode haver a necessidade de se desenvolver estudos que relacionem

as regiões Centro-Oeste e Norte com o desenvolvimento da Síndrome de burnout pelos docentes e, também, com os níveis de violência dos centros urbanos, verificando, assim, se de fato existem diferenças significativas em relação aos estudos encontrados até o momento.

3.4. ESCOLAS PÚBLICAS X ESCOLAS PRIVADAS

Dos 08 textos selecionados e envolvidos nesta pesquisa, 04 estudos foram realizados em instituições particulares e 02 em instituições de caráter público (utilizando-se de pesquisa de campo), 01 apresentou-se na forma de pesquisa documental, utilizando-se de dados da rede municipal de ensino em Belo Horizonte e o último utilizou a metodologia de revisão bibliográfica.

As pesquisas realizadas em instituições particulares se concentraram nos Estados de São Paulo (01), Bahia (01) e Rio Grande do Sul (02); aqueles que foram realizados em instituições de caráter público se concentraram em Minas Gerais (02) e Bahia (01). Dos estudos realizados em Minas Gerais, um deles empreendeu pesquisa de campo e o outro se desenvolveu a partir de consulta dos dados apresentados no relatório preparado pela Gerência de Saúde do Servidor e Perícia Médica (GSPM) da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Em Porto Alegre - RS, os estudos também partiram de pesquisa de campo, envolvendo professores dos três níveis de ensino (fundamental, médio e superior), demonstrando que nesta categoria profissional, independente do público que estes profissionais atendam, estão todos sujeitos aos estressores que podem desencadear a síndrome.

Existe a predominância, nas pesquisas selecionadas, de instituições particulares como objeto de estudo, não podendo ser analisado precisamente qual motivo explica tal fato. Pode-se atribuir vários fatores para este panorama, como a vinculação dos pesquisadores às instituições pesquisadas ou à falta de dado/dificuldade de obtê-los na rede pública de ensino, entre outros, mas que não será aqui detalhado, por não ser o objetivo deste estudo.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Depois de analisados, de acordo com os critérios já explicitados na metodologia, foram selecionados 08 dos 32 estudos encontrados que se relacionavam à Síndrome de burnout por se reportarem a docência, compondo assim o objeto de estudo desta pesquisa.

Estes revelam que ainda existe um quadro um tanto quanto obscuro em relação ao panorama de fatores estressores, associados ao desenvolvimento/acometimento da Síndrome de burnout, pelos docentes dos três níveis de ensino (fundamental, médio e universitário), em termos de Brasil, quando considerada toda sua extensão territorial.

Esta síndrome, como demonstram os estudos, acomete principalmente indivíduos que, em sua rotina profissional, trabalham atendendo diretamente outras pessoas. Dentro deste universo, estão médicos, enfermeiros e policiais, mas principalmente os docentes, considerados os profissionais que compõem a categoria mais exposta aos riscos.

Conforme os dados encontrados, os estudos iniciais sobre esta síndrome datam de 1969 com um artigo de “Bradley”, e 1974 com os trabalhos de “Freudenberg”, passando a apresentar relevância enquanto objeto de estudo no meio acadêmico na década de 80, através dos estudos desenvolvidos por Christina Maslach.

Para que seja caracterizada a existência de burnout é necessário que as três dimensões que a compõem - exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização profissional - sejam identificadas, e para isto, utiliza-se o inventário que foi desenvolvido por Christina Maslach e Susan Jackson, o MBI (Maslach Burnout Inventory), composto de 22 itens, e utilizando uma escala de resposta do tipo *Likert* de 7 pontos (desde 0 = "nunca" até 6 = "todos os dias"),

Em relação às dimensões que a compõem, as duas primeiras (exaustão emocional e despersonalização) devem alcançar altas pontuações no inquérito, enquanto a terceira (falta de realização no trabalho), um escore mais baixo, sendo inversamente proporcional às demais.

A organização na rotina de trabalho dos docentes tem influência direta no desenvolvimento e acometimento destes profissionais pela síndrome. As rápidas transformações nesta rotina, geradas pelas novas exigências que lhes são impostas, elevam os níveis de exaustão emocional, sobrecarregando-os. Dentro destas exigências estão a adequação às novas políticas educacionais adotadas pelos Estados e Municípios – geralmente com as trocas de governos – a manutenção de uma postura amigável, quase que paternal dos docentes, e ao mesmo tempo a de um agente disciplinador que deve realizar altos níveis de cobrança, tanto no campo comportamental, como intelectual.

Estas posturas contraditórias, em conjunto com a diferença de vivências dos docentes e alunos, acabam por gerar altos níveis de carga emocional.

Outros fatores de ordem pessoal também podem influenciar no desenvolvimento da síndrome, principalmente se associados a problemas encontrados na organização e rotina de trabalho.

Seguindo esta linha de pensamento, portanto, pôde-se constatar que nos estudos aparecem diversos fatores de risco para o desenvolvimento da síndrome, sendo levados em consideração a organização, o indivíduo, o trabalho e a sociedade como fundamentais para seu surgimento.

Em relação a cada um destes itens, aponta-se que para a organização, situações em que o indivíduo encontra-se sem a possibilidade de controlar o processo de organizar e planejar suas tarefas, e ainda, sem a autonomia necessária para decisões em relação a sua rotina de trabalho, configuram fatores de risco.

Já para o indivíduo, sua “experiência de vida” relacionada ao campo emocional e psicológico tem influência direta na velocidade de desenvolvimento da síndrome, assim como a questão da feminilização desta profissão, pois existe assim a tensão da situação entre o cuidar, que culturalmente é atribuído ao sexo feminino, e a profissionalização de algo que socialmente é considerado inerente ao citado gênero.

Para o trabalho, as suas condições estruturais é que são levadas em consideração, tais como: estrutura física das escolas, salas de aula superlotadas, falta de ventilação e excesso de poeira; mas também se considera questões relacionadas à área pedagógica, como o suporte pedagógico oferecido, os regimentos educacionais rígidos que devem ser seguidos e a falta de participação em relação a decisões institucionais; todos os fatores listados configuram-se como elementos estressores decisivos no universo de situações que envolvem a vida profissional destes indivíduos.

Para a sociedade, enquanto um fator de sobrecarga emocional, existe a questão das expectativas depositadas nestes profissionais, a violência que a assola, as rápidas mudanças em nível comportamental e de valores, entre outros fatores que se mostraram relevantes neste processo.

Como já citado anteriormente, os estudos não mostraram diretamente uma relação entre violência intra e extra muros escolares e o desenvolvimento da síndrome, discorrendo sobre este assunto muito superficialmente quando abordado, o que leva a crer, conforme aqui enfatizado, que o tema deve ser aprofundado em novas pesquisas.

Buscou-se o apoio de outras fontes bibliográficas que pudessem fornecer subsídios para um melhor entendimento desta questão, pois se considera uma abordagem bem

fundamentada de extrema importância para este processo; por isso recorreu-se ao livro de coordenação de Codo (2006), que traça um panorama mais abrangente desta problemática.

Neste estudo foram encontradas informações referentes à influência da violência nos níveis de *burnout*. Apresentam-se os tipos de violência que mais se configuram nas escolas brasileiras, desenhando-se um quadro bem diferente do que figura na mídia. Os roubos e vandalismo são os delitos que aparecem no topo da escala de magnitude de frequência de atos violentos nas escolas, seguidos pelas agressões entre alunos e a agressão aos docentes, dado que ocupa o último lugar desta escala.

Estes atos aparecem relacionados com as dimensões do *burnout*, na medida em que interferem na rotina de trabalho e sua organização. Os roubos e vandalismo correlacionam-se de forma positiva com a dimensão “exaustão emocional”, já que criam uma atmosfera de medo, em um local que passa a ser considerado inseguro e desprotegido; as agressões entre alunos dizem respeito à baixa “realização profissional” no trabalho, já que o profissional acaba por inculcar os sentimentos de que seu trabalho “não tem efeito” sobre os alunos e as agressões aos docentes estão diretamente ligadas à dimensão “despersonalização”, pois afetam os níveis de afeto destes profissionais, fazendo com que estes passem a tratar seu público, os alunos, principalmente, com frieza, distanciamento e indiferença.

Quanto às fontes bibliográficas pesquisadas, conforme já mencionado, observa-se que a produção científica sobre este tema no Brasil, encontra-se disponível nas bases de dados selecionadas por se constituírem referência no meio acadêmico, e se concentram nas áreas de Saúde, Educação e Psicologia.

O periódico que mais publicou sobre o tema foi o Cadernos de Saúde Pública, estando indexado na área de saúde, seguido pela Revista Psicologia em Estudo, se considerados os estudos que foram utilizados como suporte. Os periódicos que se apresentam indexados na área educacional não demonstraram relevância significativa enquanto veículos de divulgação de pesquisas sobre o tema estudado neste trabalho, apesar do mesmo estar totalmente voltado para esta área, apresentando apenas 02 estudos publicados.

Quanto às metodologias utilizadas nos estudos pesquisados, foram encontrados 06 trabalhos que se utilizaram de pesquisa de campo, 01 de pesquisa em base de dados (revisão bibliográfica) e 01 de pesquisa documental e em base de dados.

Apesar da maioria dos estudos se apresentarem na forma de pesquisa de campo, os mesmos se concentram localizados em regiões específicas do Brasil, não podendo oferecer um panorama em nível nacional sobre o tema.

Em relação à localização dos estudos selecionados para este trabalho, ou seja, de sua regionalidade, pôde-se observar que não havia nenhum estudo realizado nas regiões Centro-Oeste e Norte, enquanto nas demais regiões os estudos distribuíram-se da seguinte forma: Sul e Nordeste 02 estudos cada e Sudeste 03 estudos.

As pesquisas realizadas nas regiões Nordeste e Sudeste não foram localizadas em grandes capitais, como Salvador, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, o que leva a questionar sobre a influência do estilo de vida destas localidades, em relação a níveis de violência, ritmo de trabalho, poluição, entre outros fatores, no desenvolvimento da síndrome pelos docentes.

Quando levado em consideração o tipo de instituição pesquisada, observa-se a predominância de instituições de cunho particular, totalizando um número de 04 trabalhos que se utilizaram de dados das mesmas, todos realizados em campo. As pesquisas que utilizaram dados de instituições de cunho público totalizaram um número de 03, sendo que 02 foram realizadas com pesquisa de campo, e 01 de suporte documental e base de dados.

A predominância de instituições particulares nos estudos pode estar ligada à falta de disponibilidade de dados na rede pública de ensino ou dificuldade em obtê-los, e também, talvez, a vinculação dos pesquisadores as instituições particulares.

Após este panorama pôde-se observar que existe uma carência de estudos que correlacionem o tema burnout diretamente à docência, e que realizem a discussão sobre a influência da violência e do estilo de vida das grandes cidades no desenvolvimento desta por estes profissionais.

5. CONCLUSÃO

A Síndrome de burnout, no Brasil, aparece sendo estudada por diversos campos científicos. Os trabalhos selecionados para esta pesquisa demonstram que a área da Saúde, configura-se como a maior produtora de informações sobre esta problemática. Áreas como Psicologia, Enfermagem, Psiquiatria e Educação também apareceram como detentoras de trabalhos sobre esta síndrome e somente algumas apresentaram pesquisas relacionadas aos docentes.

No primeiro momento de seleção dos estudos, em que todas as áreas que tratavam do tema Síndrome de Burnout foram consideradas, várias categorias profissionais apareceram como público potencialmente atingido pela síndrome, estando aquelas que se correlacionam

diretamente com o atendimento a pessoas, como enfermeiros, médicos e policiais, por exemplo, classificadas como pertencentes a grupos de risco ao seu desenvolvimento.

Quando relacionada ao acometimento dos docentes, os estudos demonstram que esta categoria profissional é a que mais apresenta probabilidades de desenvolvimento da mesma, devido a fatores de risco provenientes da organização de sua rotina de trabalho, além de características emocionais dos indivíduos que escolhem esta profissão, como a questão da vocação.

A questão da assistência, neste caso, vem acompanhada do sentimento do “cuidar”, que pode envolver, ou não, a vinculação da afetividade, porém em sua grande maioria a inclui, já que este ato deve resultar em proporcionar ao outro o bem-estar. Neste campo, cuidar ou assistir acaba por se configurar como trabalho, e um trabalho oneroso em termos emocionais, já que quem o pratica se envolve numa relação de transformação, tanto de si, como de seu objeto de trabalho, neste caso o outro. Transforma o outro por sua intervenção objetiva e acaba por se transformar pela interação subjetiva que o processo lhe oferece.

Não poderíamos deixar de citar a fala de Codo (2000), nesta ocasião, por demonstrar como o panorama do cuidar em Educação se configura e influencia no campo emocional dos docentes. (...) “As atividades que exigem maior investimento de energia afetiva são aquelas relacionadas ao cuidado; estabelecer um vínculo afetivo é fundamental para promover o bem-estar do outro. Para o professor desempenhar seu trabalho de forma a atingir seus objetivos, o estabelecimento do vínculo afetivo é praticamente obrigatório.”

Com a vinculação da afetividade, os percalços da rotina diária de trabalho acabam por ganhar uma repercussão evidenciada no campo emocional dos docentes, e o conflito razão versus emoção apresenta-se com nuances fortemente embasadas pelas diversidades de papéis que estes passam a desempenhar, assumindo posturas relacionadas à psicologia, enfermagem, assistência social, dentre outras profissões.

Passando a analisar a questão da organização do trabalho, pode-se observar que fatores relacionados à falta de autonomia, às transformações aceleradas que ocorrem nesta mesma organização, às posturas contraditórias que os docentes devem adotar, e até mesmo à estrutura física das instituições são os que contribuem de forma decisiva para o desenvolvimento da mesma.

A partir desses fatores pode ocorrer o desenvolvimento de sobrecarga emocional ligada, então, ao afloramento de sentimentos de frustração, devido à constatação de que ao ingressarem no magistério se deparam com uma realidade diferente da que aprendem em seus cursos de formação. Salas de aula super lotadas, escassez de recursos materiais, salários

defasados, condições adversas, como falta de ventilação ou tamanho inadequados de sala de aula, excesso de poeira e barulho, entre outros fatores, são alguns dos obstáculos que os docentes têm que “driblar” em seu cotidiano, para poder exercer suas atividades diárias, enquanto profissionais.

Este panorama contribui de forma significativa para o desenvolvimento da baixa realização profissional, um dos três fatores que formam a tríade que compõe a síndrome. Para amenizar este quadro muitos docentes acabam por distanciar-se desta realidade, como forma de defesa de sua saúde psicoemocional, “mergulhando num mundo de faz de conta”, numa tentativa de reduzir sua tensão emocional.

Em conjunto com esta situação, surge também o desenvolvimento da despersonalização, devido ao fato de em alguns casos, os docentes inculcirem os sentimentos de que a “culpa por tudo não funcionar perfeitamente”, acaba sendo dos próprios, gerando a sensação de incapacidade profissional.

A profissionalização da docência é outro ponto importante que deve ser abordado, enquanto objeto gerador de tensão emocional. O contingente de profissionais que atua nesta área é formado, em sua grande maioria, pelo universo feminino, que traz em sua constituição cultural, formando sua héxis, a inerência do cuidar, de demonstrar sua afetividade, de educar, ou seja, transfere para sua profissão algo que é considerado inerente à feminilidade. Esse jogo de emoções cria um panorama confuso no momento em que estes profissionais têm que separar o que lhes cabe enquanto funções de seu trabalho, contribuindo assim para a elevação dos níveis de tensão emocional, conseqüentemente desembocando na exaustão.

Outra questão importante é que os docentes, muitas vezes, trazem consigo a idéia de que podem mudar a realidade de seus alunos através de suas aulas e ensinamentos, e quando isso não acontece, potencializam-se os sentimentos negativos que acabam por gerar a sobrecarga emocional. Também se observa que a imagem de que o professor pode, e está ali, na escola, para mudar o destino de seus alunos de forma drástica, através da Educação, é compartilhada pela sociedade, elevando o nível de responsabilidade depositada nos docentes.

Outros fatores importantes que não poderiam deixar de ser citados são a desestruturação da família e a violência. A desestruturação da família, gerando uma ausência de suporte familiar na vida educacional dos discentes, faz com toda a sociedade e, inclusive os próprios docentes acabem por depositar toda a responsabilidade formativa dos alunos nestes profissionais. A violência que vem se apresentando em níveis cada vez mais elevados em nossa sociedade, influencia de forma negativa, os comportamentos, tanto de alunos como de professores.

O fator violência, em si, já se configura como elemento gerador de tensão emocional e quando este se apresenta nas proximidades das escolas, como no caso de instituições que se encontram alocadas em comunidades sujeitas a conflitos quase diários, ou até mesmo invade o espaço intra escolar, acaba se constituindo como mais uma circunstância com a qual os docentes têm necessariamente que se relacionar no cotidiano escolar.

No estudo de Codo (2006), suporte desta pesquisa, a questão da violência é abordada de forma mais abrangente, quando relacionada ao universo escolar; o autor demonstra que a mesma aparece com maior frequência na forma de roubos e vandalismo seguidos por agressões entre alunos, e por último com agressão a professores. Porém, a última forma apresentada aparece com ênfase mais elevada na mídia, o que acaba por gerar subsídios para a construção do imaginário social. Outra constatação importante é que não se explicita como se configura essa agressão, se de forma física ou também psicológica.

Apesar do panorama explicitado acima, uma constatação importante se realizou através da análise dos trabalhos selecionados: os níveis de violência que atingem hoje a sociedade não aparecem de forma explícita como fator predominante para o desenvolvimento desta síndrome pelos docentes.

Fica aqui sinalizada a premência de novos estudos que contemplem essa problemática e levem em consideração esta variável, preocupando-se em verificar de que forma a subjetividade do ato violento sem a agressão física pode se constituir como um possível fator exógeno preponderante para o desencadeamento da Síndrome de burnout pelos docentes.

Ainda em relação à violência, outra consideração importante se faz em relação à localização dos estudos encontrados, pois capitais como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador, que apresentam níveis de violência elevados segundo a mídia não são contempladas. Por outro lado, segundo o livro que nos serviu de suporte, nestas localidades se encontram níveis de violência a professores muito reduzidos em relação a outros Estados que apresentam níveis inferiores de violência, o que reforça a idéia de que uma análise mais criteriosa desta variável deve ser instituída.

Quando analisada a questão da regionalidade, pôde-se observar, mais uma vez, que as regiões Centro-Oeste e Norte apresentam carência de estudos, não propiciando subsídios para a análise do panorama, em nível de Brasil, sobre a Síndrome de burnout em relação ao acometimento dos docentes. Ressalta-se que neste trabalho não foi possível identificar o porquê da escassez de estudos nas regiões citadas acima, ficando para outro momento a análise desta questão.

Nas regiões onde foram encontrados estudos sobre este tema, aparece a predominância de pesquisas de campo, sendo realizadas em instituições de caráter particular. Este perfil pode, talvez, estar assim configurado devido, por exemplo, à preferência dos profissionais por este tipo de metodologia, ou por ser a melhor opção para a obtenção de dados primários, ou ainda pela dificuldade de captação de informação na rede pública de ensino, seja pela ausência de dados cadastrados, seja pela falta de autorização para se ter acesso aos mesmos.

Apesar de todas as constatações citadas, uma observação merece ênfase: o dado de que os periódicos indexados na área da Educação pouco apresentaram trabalhos que tratam do tema, deixando uma lacuna a ser preenchida com novos estudos que possibilitem um maior entendimento desta problemática e permitam um maior conhecimento, por parte dos docentes, sobre um dos “males” que acometem estes profissionais.

Por ora, pode-se observar nos estudos encontrados que a Síndrome de burnout em docentes desenvolve-se relacionada tanto a fatores precedentes, como características de personalidade e história de vida, como a fatores cotidianos, que envolvem desde a organização da rotina de trabalho até o suporte social oferecido aos mesmos.

Espera-se então, desta forma, que o presente trabalho possa contribuir para um maior esclarecimento sobre o tema, ficando, mais uma vez aqui registrado, a necessidade de realização de trabalhos futuros que correlacionem a Síndrome de burnout à docência, no contexto brasileiro, para que se possa fornecer subsídios consistentes para um enfrentamento concreto desta problemática por profissionais de tal importância em uma sociedade.

Não existe então, aqui, a pretensão de se extinguir os questionamentos possíveis associados à síndrome de burnout e sua relação com a docência, mas sim poder estimular a reflexão e a discussão de um tema ainda pouco explorado; ressalta-se que, mesmo apresentando indícios de acometer um percentual elevado de professores nos dias atuais, ainda demonstra ser desconhecido e pouco discutido neste universo.

Novas pesquisas que correlacionem a síndrome de burnout à docência se fazem necessárias, para que se possa compreender esta problemática em sua delicada complexidade e, assim, buscar subsídios para a elaboração de estratégias de enfrentamento desta situação, que afeta tanto a vida profissional quanto a pessoal dos indivíduos tão caros à formação dos membros de uma sociedade.

Os limites da pesquisa se circunscrevem ao dado de que não se pôde avaliar com clareza se a questão da violência na escola é um fator determinante ou condicionador do

processo de desenvolvimento da síndrome pelos docentes; tal dado merece uma especial atenção em estudos futuros.

Outra consideração importante que se pôde constatar é que o universo de estudos publicados e pesquisados concentra-se nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul, não sendo encontrados estudos publicados, nas bases de dados pesquisadas, que pudessem fornecer informações mais específicas sobre as demais regiões do Brasil.

Apenas um estudo, suporte da presente pesquisa, apresentou dados em nível nacional, demonstrando que quase a metade dos docentes pesquisados apresentava algum sintoma relacionado à síndrome.

Pelo exposto, levando-se em consideração o universo de docentes que estão lecionando no presente momento, e ainda aqueles que por algum motivo estão provisória ou definitivamente afastados de suas funções, o quantitativo de estudos encontrados e relacionados ao tema mostra-se insuficiente, reforçando o pensamento de que novas pesquisas devem ser urgentemente realizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Benevides-Pereira AMT. A síndrome de burnout. In: Conferência proferida no I Congresso Internacional sobre Saúde Mental no Trabalho; 2004 Mai 3-5; Goiânia, Goiás. Disponível em: http://www.prt18.mpt.gov.br/eventos/2004/saude_mental/anais/artigos/2.pdf

Benevides-Pereira AMT. - O estado da arte do burnout no Brasil. Revista Eletrônica InterAção Psy. [periódico na Internet]. 2003 [acesso em 2008 Apr 28]; ano 1(1): 4-11. Disponível em: http://www.saudeetrabalho.com.br/download_2/burnout-benevides.pdf

Caldeira, TPR. Cidade de muros – Crime, segregação e cidadania em São Paulo. 2.^a ed. São Paulo: Ed. 34 / Edusp; 2003.

Carlotto MS. A síndrome de burnout e o trabalho docente. Psicologia em Estudo. [periódico na Internet]. 2002 [acesso em 2008 Jan 08]; 7(1): 21-9. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722002000100005&lng=pt&nrm=isso

Carlotto MS e Câmara SG. Análise fatorial do Maslach Burnout Inventory (MBI) em uma amostra de professores de instituições particulares. Psicologia em Estudo. [periódico na Internet]. 2004 [acesso em 2008 Jan 08]; 9(3): 499-505. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722004000300018&lng=pt&nrm=iso. ISSN 1413-7372. doi: 10.1590/S1413-73722004000300018

Carlotto MS e Palazzo LS. Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. Cadernos de Saúde Pública. [periódico na Internet]. 2006 [acesso em 2008 Jan 08]; 22(5): 1017-26. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2006000500014&lng=pt&nrm=iso. ISSN 0102-311X. doi: 10.1590/S0102-311X2006000500014

Codo W e Vasques-Menezes I. Burnout: sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação. Cadernos de Saúde do trabalhador. Instituto Nacional de Saúde do Trabalhador – INST. São Paulo, 2000.

Codo W (coord.). Educação: carinho e trabalho. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. 4.^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006.

Cruz S. Maslach Burnout Inventory (M.B.I.) – Inventário de Maslach para avaliação de burnout. [Site na Internet]. 2007 [acesso em 2008 Set 27]; Disponível em: <http://psicomograficos.blogspot.com/2007/11/maslach-burnout-inventory-mbi.html>.

DaMatta, R. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1984.

Delcor NS, Araújo TM, Reis EJFB, Porto LA, Carvalho FM, Oliveira e Silva M, et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Cad. Saúde Pública. [periódico na Internet]. 2004 [acesso em 2008 Jul 24]; 20(1): 187-96. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000100035

Evangelista O e Shiroma EO. Professor: protagonista e obstáculo da reforma. Educ. e Pesq. [periódico na Internet]. 2007 [acesso em 2008 Jul 27]; 33(3): 531-41. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022007000300010&script=sci_arttext&tlng=

Gasparini SM, Barreto SM e Assunção AA. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Cad. Saúde Pública [periódico na Internet]. 2006 [acesso em 2008 Jul 18]; 22(12): 2679-91. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006001200017&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

_____. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. Educação e Pesquisa. [periódico na Internet]. 2005 [acesso em 2008 Jul 18]; 31(2): 189-99. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000200003&lng=pt&nrm=iso

Gomez CM e Lacaz FAC. Saúde do trabalhador: novas-velhas questões. *Ciência e saúde col.* [periódico na Internet]. 2005 [acesso em 2008 Marc 24]; 10(4): 797-807. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000400002&lng=pt&nrm=iso

Inocente NJ. Síndrome de burnout em professores universitários do Vale do Paraíba, SP. [tese]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas; 2005. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000360303>

Lapo, FR e Bueno, BO. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Cad. de Pesq.* [periódico na Internet]. 2003 [acesso em 2008 Aug 27]; (118):65-88. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16830.pdf>

_____. O Abandono do Magistério: Vínculos e Rupturas com Trabalho Docente. *Psicol. USP* [periódico na Internet]. 2002 [acesso em 2008 Aug 26]; 13(2): 243-76. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200014&lng=pt&nrm=iso

Lüdke M, Boing LA. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. *Educ. Soc.* [periódico na Internet]. 2004 [acesso em 2008 Aug 20]; 25(89): 1159-80. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000400005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Mascarello, MRP e Barros de Barros, ME. Nos fios de Ariádne: cartografia da relação saúde trabalho numa escola pública de Vitória-ES. *Rev. Bras. de Educ.* [periódico na Internet]. 2007 [acesso em 2008 Aug 22]; 12(34): 104-19. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a09v1234.pdf>

Moreno-Jimenez B, Garrosa-Hernandez E, Gálvez M, Gonzáles JL, Benevides-Pereira, AMT. Avaliação do burnout em professores. Comparação de instrumentos: CBP-R e MBI-ED. *Psicologia em Estudo.* [periódico na Internet]. 2002 [acesso em 2007 Aug 06]; 07(01): 11-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a02.pdf>

Omote S. Medida de atitudes sociais em relação à inclusão. Universidade Estadual Paulista, campus de Marília. São Paulo. S/D. [acesso em 2008 Jun 02]. Disponível em:

http://www.sbcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/sadaomote.htm

Perrenoud, P. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas. Lisboa: D. Quixote, 1993.

Reis EJM, Araújo TM, Carvalho FM, Barbalho L, Oliveira e Silva M. Docência e exaustão emocional. Educ. Soc. [periódico na Internet]. 2006 [acesso em 2008 Mai 03]; 27(94): 229-53. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000100011&lng=pt&nrm=iso

Santa-Rita TG. Síndrome de *burnout* em docentes. Revista MaisHumana. [periódico na Internet]. 2002 [acesso em 2008 Mai 01]; n.º 4. Disponível em: <http://www.uff.br/maishumana/burnout.htm>

Tamayo MR e Tróccoli BT. Exaustão emocional: relações com a percepção de suporte organizacional e com as estratégias de *coping* no trabalho. Estudos de Psicologia. [periódico na Internet]. 2002 [acesso em 2008 Mai 08]; 7(1): 37-46. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000100005&lng=pt&nrm=iso

Trigo TR, Teng CT, Hallak JEC. Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. Rev. psiquiatr. clín. [periódico na Internet]. 2007 [acesso em 2008 Out 25]; 34(5): 223-33. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000500004&lng=pt. doi: 10.1590/S0101-60832007000500004

ANEXOS

Tabela 1 – Maslach Burnout Inventory (dividido por dimensão):

<i>Exaustão emocional – nove itens</i>	1	2	3	4	5	6	7
MBI 01 - Sinto-me emocionalmente decepcionado com meu trabalho;							
MBI 02 - Quando termino minha jornada de trabalho, sinto-me esgotado;							
MBI 03 - Quando me levanto pela manhã e enfrento outra jornada de trabalho, sinto-me fatigado;							
MBI 06 - Sinto que trabalhar todo o dia com pessoas me cansa;							
MBI 08 - Sinto que meu trabalho está me desgastando;							
MBI 13 - Sinto-me frustrado com meu trabalho;							
MBI 14 - Sinto que estou trabalhando demais;							
MBI 16 - Sinto que trabalhar em contato direto com as pessoas me estressa;							
MBI 20 - Sinto como se estivesse no limite de minhas possibilidades;							
<i>Despersonalização – cinco itens</i>							
MBI 05 - Sinto que estou tratando algumas pessoas de meu trabalho como se fossem objetos impessoais;							
MBI 10 - Sinto que me tornei mais duro com as pessoas desde que comecei esse trabalho;							
MBI 11 - Preocupo-me se esse trabalho está me enrijecendo emocionalmente;							
MBI 15 - Sinto que realmente não me importa o que ocorre com as pessoas as quais tenho que atender profissionalmente;							
MBI 22 - Parece-me que os receptores de meu trabalho culpam-me por alguns de seus problemas;							
<i>Diminuição da realização pessoal no trabalho – oito itens</i>							
MBI 04 - Sinto que posso entender facilmente as pessoas que tenho que atender;							
MBI 07 - Sinto que trato com muita eficiência os problemas das pessoas as quais tenho que atender;							
MBI 09 - Sinto que estou exercendo influência positiva na vida das pessoas que tenho que atender;							
MBI 12 - Sinto-me vigoroso em meu trabalho;							
MBI 17 - Sinto que posso criar um clima agradável meu trabalho;							
MBI 18 - Sinto-me estimulado depois de haver trabalhado diretamente com quem tenho que atender;							
MBI 19 - Creio que consigo coisas valiosas nesse trabalho;							
MBI 21 - No meu trabalho, eu manejo os problemas emocionais com muita calma.							

Adaptada de Carlotto e Câmara (2004).

Escala de pontuação:

FREQÜÊNCIA - 1 (nunca), 2 (algumas vezes por ano), 3 (uma vez por mês), 4 (algumas vezes por mês), 5 (uma vez por semana), 6 (algumas vezes por semanas) e 7 (todos os dias).

Tabela 2 - Estudos encontrados discriminados por periódicos, áreas de concentração e ano de publicação.

ESTUDOS	PERIÓDICO	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO
A AVALIAÇÃO DO <i>BURNOUT</i> EM PROFESSORES. COMPARAÇÃO DE INSTRUMENTOS: CBP-R E MBI-ED	<i>Psicologia em Estudo</i>	PSICOLOGIA	2002
A SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> E O TRABALHO DOCENTE	<i>Psicologia em Estudo</i>	PSICOLOGIA	2002
CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE DOS PROFESSORES DA REDE PARTICULAR DE ENSINO DE VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA, BRASIL	<i>Cadernos de Saúde Pública</i>	SAÚDE	2004
ANÁLISE FATORIAL DO MASLACH BURNOUT INVENTORY (MBI) EM UMA AMOSTRA DE PROFESSORES DE INSTITUIÇÕES PARTICULARES	<i>Psicologia em Estudo</i>	PSICOLOGIA	2004
O PROFESSOR, AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E OS EFEITOS SOBRE SUA SAÚDE	<i>Educação e Pesquisa</i>	EDUCAÇÃO	2005
PARAÍBA VALLEY UNIVERSITY TEACHERS OCCUPATIONAL STRESS: BURNOUT, DEPRESSION AND SLEEP EVALUATION	<i>Thesis</i> <i>Arquivo de Neuro-psiquiatria</i>	NEUROCIÊNCIAS	2005
SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> E FATORES ASSOCIADOS: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO COM PROFESSORES	<i>Cadernos de Saúde Pública</i>	SAÚDE	2006
PREVALÊNCIA DE TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS EM PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL	<i>Cadernos de Saúde Pública</i>	SAÚDE	2006
DOCÊNCIA E EXAUSTÃO EMOCIONAL	<i>Educação e Sociedade</i>	EDUCAÇÃO	2006
SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> OU ESTAFA PROFISSIONAL E OS TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS	Revista de Psiquiatria Clínica	PSIQUIATRIA	2007

Tabela 3 – Metodologias utilizadas nos estudos pesquisados.

ESTUDOS	TIPOS DE METODOLOGIA
<i>CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE DOS PROFESSORES DA REDE PARTICULAR DE ENSINO DE VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA, BRASIL</i>	ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DE COORTE TRANSVERSAL; REALIZADA ANÁLISE BIVARIADA; DIGITADO E ANALISADO ATRAVÉS DO PACOTE ESTATÍSTICO SPSS.
<i>ANÁLISE FATORIAL DO MASLACH BURNOUT INVENTORY (MBI) EM UMA AMOSTRA DE PROFESSORES DE INSTITUIÇÕES PARTICULARES</i>	ANÁLISE FATORIAL; DIGITADO E ANALISADO ATRAVÉS DO PACOTE ESTATÍSTICO SPSS VERSÃO 10.0.
<i>PARAÍBA VALLEY UNIVERSITY TEACHERS OCCUPATIONAL STRESS: BURNOUT, DEPRESSION AND SLEEP EVALUATION</i>	ESTUDO DESCRITIVO DE COORTE TRANSVERSAL E CORRELACIONAL; ANALISADO ATRAVÉS DE REGRESSÃO MÚLTIPLA E MODELO LINEAR GENERALIZADO.
<i>SÍNDROME DE BURNOUT E FATORES ASSOCIADOS: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO COM PROFESSORES</i>	ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO, ANALISADO ATRAVÉS DE ANÁLISE DESCRITIVA, ANÁLISE BIVARIADA, CORRELAÇÃO DE PEARSON. PROVA t DE STUDENT E ANOVA.
<i>PREVALÊNCIA DE TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS EM PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL</i>	ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DE COORTE TRANSVERSAL; OS DADOS FORAM ANALISADOS UTILIZANDO-SE O PROGRAMA EPI INFO 3.3 (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, ATLANTA, ESTADOS UNIDOS).
<i>DOCÊNCIA E EXAUSTÃO EMOCIONAL</i>	ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DE COORTE TRANSVERSAL; ANALISADO COM SPSS (1991).
<i>SÍNDROME DE BURNOUT OU ESTAFA PROFISSIONAL E OS TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS</i>	REVISÃO DE LITERATURA.
<i>O PROFESSOR, AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E OS EFEITOS SOBRE SUA SAÚDE</i>	REVISÃO DE LITERATURA E PESQUISA DOCUMENTAL

Gráfico 1 – Estudos por região.

